

FILOSOFÍA

Reflexões fenomenológicas sobre a vida a partir da experiência inesperada e catastrófica. Uma análise modal hegeliana do sacrifício de Ifigênia em Áulis

Phenomenological reflexions on life starts in the catastrophic's and unexpected experiences. An modal Hegelian analysis about the sacrifice of Ifigenia in Aulis

Gonzalo Tinajeros Arce

Profesor substituto de Filosofia - Universidad de Brasilia - Distrito Federal

gonzalo.tinajeros@unb.br

ORCID: 0000-0003-4510-4906

Fecha de recepción: 4-11-2020

Fecha de aceptación: 24-2-2022

Resumo

O presente escrito quer propor uma nova chave de leitura para compreender os estudos filosóficos das tragédias gregas realizados por Hegel na *Fenomenologia do Espírito*. Para isso se analisará as modulações da linguagem dialética hegeliana que expressam de diversos modos o conhecimento humano, através de experiências de fenômenos inesperados e catastróficos para as autoconsciências. Situações inesperadas que podem chegar a determinar-se ou não em desenlaces trágicos para as autoconsciências (*Selbstbewußtsein*). Hegel analisa modalmente e nas suas distintas configurações as personagens heroicas de Agamenon e Ifigênia, na sua interpretação da tragédia, *Ifigênia em Áulis*. Em um extremo da relação trágica está o rei de Argos e comandante

supremo (*Oberbefehl*) da liga pan-helênica, Agamenon (*Ἀγάμεμνον ἄναξ*), líder eleito pelos príncipes argivos para comandar o exército pan-helênico na guerra de Troia. No outro extremo da relação trágica está a jovem princesa Ifigênia, filha primogênita de Agamenon, e quem agirá de distintas maneiras conscientes de si, a fim de conservar sua vida, ou, finalmente, sacrificar-se na hora certa como heroína pan-helênica na guerra de Troia. Portanto, a proposta do presente estudo será expor o movimento dialético das autoconsciências heroicas no mito trágico dos Atridas. A consciência de Agamenon descobriu o sentido oculto do oráculo de Calcas: entre ser um bom comandante militar (cumprir seu dever ético público de conduzir a guerra), ou ser um bom pai de família (cumprir seu dever ético privado familiar de preservar a vida de sua filha primogênita, Ifigênia). Dentro dessas escolhas paradoxais e catastróficas, Agamenon oscila entre estados opostos e mutáveis de alienação e autoconsciência –loucura e lucidez- especialmente quando ele encarna nas suas falas e ações posturas contraditórias, as vezes em favor do bem supremo: a coisa pública (*das Gemeinwesen*) grega, para assim comandar o exército pan-helênico e conquistar Troia. Por outro lado, as vezes a consciência de Agamenon oscila também em estados de loucura e lucidez mental, principalmente quando ele encarna as contradições de pai e cidadão, e prioriza a eticidade familiar Atrida por sobre a coisa pública (*das Gemeinwesen*) grega.

Abstract

This paper wants to propose a new access for read and understand the Hegelian philosophical studies about Greek tragedies in the *Phenomenology of Spirit*. For this, I will analyse the modulations in Hegelian dialectical language that expresses the diverse modes the human knowing, through experiences in unexpected and catastrophic phenomenon for the self-consciousness. Unexpected situations may determine or not the ending for the self-consciousness (*Selbstbewußtsein*). Hegel analyses the diverse configurations in modal terms the heroic figures Agamemnon and Iphigenia in his interpretation of the Greek tragedy, *Iphigenia in Aulis*. In one extreme of the tragic clash relation is Agamemnon (*Ἀγάμεμνον ἄναξ*), king of Argos and also the supreme leader (*Oberbefehl*) elected for Greek princes to command the panhellenic army in the midst of the Trojan War. In the order extreme of the tragic clash relation is Iphigenia, young princess and firstborn child of Agamemnon, and she will act and react self-consciousness in different manners to keep her life or to accept heroically the sacrifice in the panhellenic trojan war. It is the proposal that will expose the dialectical movement of self-consciousness in the tragic myth of

the Atridas. The consciousness of Agamemnon discovers the secret sense in the Calca's oracle: either would Agamemnon be a good commander or a good father. In the dramatic catastrophic and paradoxical choices, Agamemnon oscillates between states of alienation and self-consciousness - madness and lucidity - especially when he incarnates in his words and actions contradictory postures, sometimes in favour of a greatest good: the Greek res public (*das Gemeinwesen*) by commanding the panhellenic army to conquer Troy. On the other hand, sometimes Agamemnon's consciousness also oscillates along the narrative between states of madness and states of mental lucidity, principally when he incarnates his own contradictions (father / citizen), by which he either prioritizes the family ethicality than the Greek res public (*das Gemeinwesen*).

Keywords

Fenomenologia, Dialética Especulativa, Análise modal, Autoconsciência, Colisão Trágica.

Phenomenology, Speculative Dialectic, Modal analysis, Self-consciousness, Tragic Clash.

1. Introdução

O presente artigo foi redigido a partir da apresentação¹ e da discussão² feitas no Seminário internacional: “Lo catastrófico y lo Inédito desde los Estudios Clásicos”, organizado pela Sociedade Boliviana de Estudios Clásicos em 17 e 18 de setembro de 2020. Nessas ricas discussões ficou evidente a importância de interpretar com maior amplitude intelectual as situações inesperadas e catastróficas que experimentam os seres humanos, e que foram redigidas em circunstâncias sanitárias parecidas, mas não iguais, nos textos clássicos, e que podem também serem analisadas com olhares contemporâneos; tendo como finalidade, decifrar os diversos sentidos das experiências trágicas. Nos dias de hoje, novas situações inesperadas estão sendo produzidas a nível mundial pelos efeitos catastróficos da pandemia COVID 19.³ Por esse motivo,

1 Vídeo de apresentação: <https://www.youtube.com/watch?v=W9gldZmYmEs&feature=youtu.be> . Data de consulta 1-XI-2020.

2 Vídeo de discussão: <https://www.youtube.com/watch?v=BkMNmZgKkH0&t=1320s> . Data de consulta 1-XI-2020.

3 Em torno de 5,3 milhões de pessoas morreram a nível mundial como consequência da

este escrito propõe expressar de maneira inédita uma leitura possível: analítica, modal e dialética da tragédia grega *Ifigênia em Áulis*, de Eurípides, através das reflexões fenomenológicas sobre as tragédias gregas, realizadas por Hegel na *Fenomenologia do Espírito*. Nessa obra, Hegel desenvolve através de uma linguagem dialética os distintos modos (*Weisen*) de conhecimento que vai experimentando a consciência através de um caminho de dúvida e desespero⁴ em situações inéditas para a experiência humana. Situações que podem concretizar-se ou não em estados catastróficos ou trágicos pelo agir da consciência.

Hegel modela (*bilden*) cuidadosamente a configuração fenomenológica da consciência de si trágica, através do desenvolvimento pleno e acabado da intencionalidade dos agentes trágicos.⁵ O retrato moral do comandante supremo da liga pan-helênica Agamenon (*Ἀγάμεμνον ἄναξ*), será em sentido figurado esculpido por ele mesmo em cada decisão que tome durante a Guerra de Troia. Ao longo desta proposta de exposição dialética, veremos configurar-se as determinações da autoconsciência heroica no mito trágico de Ifigênia em Áulis, tendo presente no horizonte o “paradoxo catastrófico” revelado pelo oráculo de Calcas –entre ser Agamenon um bom comandante, audacioso ao guiar as tropas à Ilion, ou ser ele um bom pai de família, amoroso e protetor dos vínculo sanguíneos– o qual produzirá que a consciência heroica de Agamenon experimente oscilantes estados negativos de estranhamento (das *fremde Negative*) e positivos de autoconhecimento (*die Selbsterkenntnis*), já que por momentos Agamenon encarnará posturas insensíveis de um pai indiferente com a vida e a morte da sua própria filha (vv. 1256-1272), especialmente no momento chave do paradoxo em que a consciência do herói terá que decidir entre o bem maior da eticidade substancial da polis grega ou decidir em favor

pandemia COVID-19. Fonte atualizada a 5 de dezembro de 2021: <https://es.statista.com/estadisticas/1107719/covid19-numero-de-muertes-a-nivel-mundial-por-region/> Data de consulta 15-XII-2021.

- 4 «Er kann deswegen als der Weg des Zweifels angesehen werden oder eigentlicher als der Weg der Verzweigung; auf ihm geschieht nämlich nicht das, was unter Zweifeln verstanden zu werden pflegt, ein Rütteln an dieser oder jener vermeinten Wahrheit, auf welches ein gehöriges Wiederverschwinden des Zweifels und eine Rückkehr zu jener Wahrheit erfolgt, so dass am Ende die Sache genommen wird wie vorher. Sondern er ist die bewusste Einsicht in die Unwahrheit des erscheinenden Wissens, dem dasjenige das Reellste ist, was in Wahrheit vielmehr nur der nicht realisierte Begriff ist». Hegel Werke, 2000, p. 9 (paginação da primeira edição de 1807).
- 5 Sobre a teoria hegeliana da intencionalidade dos agentes trágicos, veja-se o estudo interdisciplinar entre as conexões narrativas da Tragédia Grega com a *Fenomenologia do Espírito*: A. SPEIGHT, 2009, pp. 11 e ss.

dos sentimentos familiares, protegendo seus filhos (Ifigênia, Elektra, Orestes) de qualquer ameaça que ponha em risco a integridade física deles. Após a revelação do oráculo de Calcas, Agamenon começará a se defrontar com distintas situações inesperadas que lhe irão aparecendo ao longo da história, e isso sem dúvida produzirá na interpretação hegeliana Configurações (die *Gestaltungen*) fenomenológicas dos distintos estados mutáveis das consciências heroicas, principalmente de Agamenon e Ifigênia.

1. Notações dialéticas e reflexões modais sobre experiências fenomenológicas inesperadas e catastróficas das autoconsciências heroicas

No mito trágico de Ifigênia em *Áulis*, redigido por Eurípidés, o primogênito da família real Atrida, Agamenon, se encontra parado com todos os exércitos pan-helênicos acampados⁶ em uma beira do mar, distante de qualquer cidade próxima, na região chamada de *Áulis*,⁷ território rústico, desabitado e selvagem, um território propício para *caçar* pelos bosques circundantes de Artemisa, deusa regente do mundo instintivo, selvagem e inesperado de *Áulis* (vv. 87 - 93). Lugar localizado fora dos limites da civilização e, portanto, dos costumes éticos das Cidades - Estado. As leis da natureza regem neste território extremo e selvagem.

6 A tragédia de Ifigênia em *Áulis* começa com a cena que representa o acampamento áqueo em *Áulis*. No primeiro diálogo o velho escravo de Agamenon nós conta sobre o lugar em que está o rei, uma tenda no meio do campo aberto com a estrela de *Sírius* no seu Zenith perto das sete Plêiades no firmamento – claro *pressagio* de *caçaria* no altar de *Artemisa*. O mar nos é descrito por Agamenon como calmo, não tem rumores ou barulhos no mar de *Áulis* porque o vento está em silêncio (στυγὴ δ' ἀνέμῳν), a pesar de ser um período altamente propício para a navegação pela aparição no céu das sete Plêiades perto de *Sírius* no seu Zenith. O ancião fala na porta da tenda com Agamenon para descobrir as profundas preocupações que afligem ao rei: «¿Y por qué sales fuera de la tienda con esa impaciencia, soberano Agamenón? Todavía reina la tranquilidad aquí en *Áulide*, y los centinelas de los muros continúan inmóviles. Vayamos dentro». Eurípidés, *Ifigênia em Áulis* (vv. 12-15). Traducción de J. A. López Férrez e J. M. Labiano, 2008.

7 O significado do espaço de *Áulis* é trabalhado com muita precisão estético conceitual no terceiro capítulo da Tese de doutorado de C.R Marquardt, UFRGS, 2007. A autora define o *espaço* que representa *Áulis* no mundo grego arcaico, da seguinte maneira: «A organização espacial é constantemente significativa na literatura grega e isso não é diferente na *Ifigênia em Áulis* de Eurípidés. A peça tem toda a sua ação desenvolvida em *Áulis*. Além de se tratar de uma suposta localidade entre a Beócia e a Eubéia, à beira mar no caminho navegatório para Tróia; *aulis*, substantivo feminino, significa um lugar onde se poussa a tenda por uma noite, espaço de acampamento, portanto, fora dos limites de uma cidade». P. 82. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14695/000667240.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Data de consulta 7-I-2022.

Esse acampamento militar foi escolhido estrategicamente para que a frota da Hélade exercite, zarpe, invada rapidamente e conquiste Troia por mar (vv.1256-1272). Porém inesperadamente para concretar o plano militar, falta vento no porto de Áulis (vv. 107 - 112) para poder zarpar, não há corrente de ar suficiente para viajar, estimular as forças com sopro vital para efetuar o empreendimento militar marítimo (*θαλάσσης*) dos exércitos gregos. Esta situação inesperada provoca reflexões nos príncipes gregos, de que está acontecendo algo estranho, possivelmente alguma força sobrenatural está imobilizando o fluxo habitual do vento no mar bravo de Áulis, o qual se encontra em um estado estranho de calma constante. A misteriosa ausência de vento produz questionamentos que necessitam de respostas para ultrapassar o estado de passividade das tropas. A primeira revelação de resposta surge de um vaticínio emitido pelo adivinho Calcas, o qual deixando brotar suas percepções místicas entrega uma mensagem complexa com linguagem oracular, decretando que o rei Agamenon deve sacrificar sua própria filha Ifigênia para a deusa Artemisa e possibilitar dessa maneira a navegação dos helênicos com vento a favor à Troia para poder derrotar os frígios. O rei Agamenon cogita frente a esta complexa situação trágica, a opção de dissolver completamente *o exército*, renunciar de entrar em guerra contra os frígios, de modo que ele possa assim conservar a vida de sua primogênita Ifigênia (vv. 119-124); contudo, arriscando-se a perder completamente a sua condição privilegiada de estadista supremo da liga pan-helênica. A consciência de Agamenon se encontra cindida dentro de uma situação altamente complexa, com um muito provável desenlace catastrófico para ele e a família dos Atridas, já que frente aos desígnios do oráculo de Calcas, Agamenon deverá testar de maneiras diferentes suas possíveis escolhas enquanto rei e enquanto chefe de família. Tensões extremas que produzem oscilações no caráter e nas crenças de Agamenon:

[...] el adivino Calcante, como quiera que no teníamos salida, nos ordenó sacrificar a Ifigenia, la hija que yo engendré, en honor de *Ártemis*, que habita este territorio, y dijo que con este sacrificio podríamos navegar y derrotar a los frigios, pero que sin el sacrificio esto no sería posible. Yo, en cuanto escuché estas palabras, ordené a Taltibio que con una proclama en alta voz disolviese todo el ejército, porque jamás iba tener yo –eso creía– el coraje de arrostrar una acción contraria a mis sentimientos y matar a mi hija.⁸

8 Eurípides, *Ifigênia em Aulis* (vv. 89-96). Traducción de J. A. López Férrez e J. M. Labiano, 2008. Texto grego: «Κάλχας δ' ὁ μάντις ἀπορία κεχρημένοις ἀνεῖλεν Ἴφιγένειαν ἦν ἔσπειρ' ἐγὼ Ἀρτέμιδι θύσαι τῇ τόδ' οἰκούση πέδον, καὶ πλοῦν τ' ἔσεσθαι καὶ κατασκαφᾶς Φρυγῶν θύσασσι, μὴ θύσασσι δ' οὐκ εἶναι τάδε. κλύων δ' ἐγὼ ταῦτ', ὀρθίῳ κηρύγματι

O paradoxo trágico colocado pelo oráculo de Calcas “*Κάλχας δ’ ὁ μάντις ἄπορία κεκρημένοις ἀνεῖλεν Ἰφιδέειαν ἦν ἔσπειρ’ ἐγὼ Ἀρτέμιδι θῆσαι τῇ τόδ’ οἰκούση πέδον*” (vv. 89-91), no qual Agamenon terá que escolher entre agir com violência como um comandante feroz e sacrificar Ifigênia para levar a termo a invasão à Ilion, ou Agamenon terá que escolher a salvaguarda da vida de sua filha Ifigênia, dissolvendo bruscamente o exército pan-helênico para impedir o sacrifício. Paradoxo situacional que *angustiará os pensamentos e as paixões* de Agamenon, e o levará a experimentar na sua vida fenomenológica, adotando aqui o linguajar hegeliano da autoconsciência, estados mutáveis de estranhamentos negativos (das *fremde Negative*) e positivos de autoconhecimento (die *Selbsterkenntnis*) enquanto ente para si mesmo (*für sich selbst ein Fürsichseiendes*).⁹

Recolocando as qualidades do Agamenon recriado por Eurípides, elas encarnam na personagem teatral, a um pai perturbado, oscilante no seu obrar, contraditório nas suas falas, e por momentos estranhado de si mesmo (vv. 35-43; 139-140), agindo de maneira indiferente e indolente frente à *aproximação do sacrifício* cruento de sua filha Ifigênia (vv. 538-542). E

Ταλθύβιον εἶπον πάντ’ ἀφιέναι στρατόν, ὡς οὔποτ’ ἂν τλᾶς θυγατέρα κτανεῖν ἐμήν»
(<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>).

- 9 Sobre as determinações da autoconsciência fenomênica, Hegel desdobra no *capítulo A. Autonomia e não Autonomia da autoconsciência: Dominação e Servidão*, os momentos estritamente necessários pelos quais a consciência (das *Bewußtsein*) tem que experimentar tragicamente tanto o medo extremo a sofrer uma morte violenta como também a superação de estados negativos de estranhamento, que são próprios da condição de servidão. Isto só é capaz de acontecer através da formação (das *Formieren*) do trabalho próprio. Este último, possibilitará à consciência tornar-se gradativamente em uma *consciência para si mesma*, a qual é um ser consciente de si mesmo, autônomo e livre, que age no mundo da objetividade: «Das Formieren hat aber nicht nur diese positive Bedeutung, dass das dienende Bewusstsein sich darin als reines *Fürsichsein* zum *Seienden* wird, sondern auch die negative gegen sein erstes Moment, die Furcht. Denn in dem Bilden des Dinges wird ihm die eigene Negativität, sein *Fürsichsein*, nur dadurch zum Gegenstande, dass es die entgegengesetzte seiende *Form* aufhebt. Aber dies gegenständliche Negative ist gerade das fremde Wesen, vor welchem es gezittert hat. Nun aber zerstört es dies fremde Negative, setzt sich als ein solches in das Element des Bleibens und wird hierdurch für sich selbst ein *Fürsichseiendes*. Im Herrn ist ihm das *Fürsichsein* ein anderes oder nur für es; in der Furcht ist das *Fürsichsein* an ihm selbst; in dem Bilden wird das *Fürsichsein* als sein eigenes für es, und es kommt zum *Bewußtsein*, daß es selbst an und für sich ist. Die Form wird dadurch, daß sie hinausgesetzt wird, ihm nicht ein Anderes als es; denn eben sie ist sein reines *Fürsichsein*, das ihm darin zur Wahrheit wird. Es wird also durch dies Wiederfinden seiner durch sich selbst eigener Sinn, gerade in der Arbeit, worin es nur fremder Sinn zu sein schien». Hegel Werke, 2000, pp. 126-127 (paginação da primeira edição de 1807).

por último, manifestando qualidades de um homem moralmente inferior à vontade universal da Hélade, colocando-se em um patamar minúsculo frente ao suposto Bem maior pan-helênico, retratado na potência ética do exército grego com sua honra lesada pelo rapto traiçoeiro da rainha Helena:

Agamenón: Un arrebato de pasión ha hecho enloquecer al ejército de los helenos por ir por mar cuanto antes a territorio bárbaro y poner fin a los raptos de esposas helenas. Matarán a las hijas que tengo en Argos y a vosotros, y a mí, si no observo los oráculos de la Diosa. Menelao no me tiene convertido en esclavo hija, ni me ha plegado los designios de su voluntad, sino la Hélade en cuyo provecho debo, tanto si quiero como si no, sacrificarte. Nosotros somos inferiores a esta circunstancia.¹⁰

Em outros momentos, Agamenon passará por estados de consciência que irão do estranhamento à lucidez mental, examinando-se nas suas próprias falas, contradições comportamentais enquanto possível agente do sacrifício trágico ou da dissolução do exército. Isto acontece quando Agamenon exterioriza a sua própria reflexão para o ancião sobre as distintas cartas *contraditórias* que enviou a Clitemnestra para que traga e não traga a Ifigênia em Áulis para ser sacrificada à Artemisa, servindo-se para isso do arдил montado do casamento com Aquiles:

Agamenón: Entonces mi hermano me presentó argumentos de todo tipo y acabó convenciéndome de cometer esa terrible atrocidad. Escribí un mensaje en los pliegues de una tablilla y se lo envié a mi esposa para que hiciese venir aquí a nuestra hija, con el falso pretexto de que iba a casar con Aquiles [...] Y lo que no acerté entonces a decidir bien, vuelvo ahora a escribirlo de nuevo, bien esta vez, en estas tablillas que esta noche me has visto romper y recomponer anciano. ¡Venga pues! Coge esta carta y dirígete a Argos.¹¹

10 Eurípides, *Ifigênia em Aulis* (vv.1256-1272). Em: *Eurípides Obras Completas*, trad. J. A. López Férez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008. Texto grego:

«δεινῶς δὲ καὶ μὴ: τοῦτο γὰρ πράξαι με δεῖ. ὀρθῶ' ὅσον στράτευμα ναύφρακτον τόδε, χαλκῶον θ' ὄπλων ἀνακτες Ἑλλήνων ὅσοι, οἷς νόστος οὐκ ἔστ' Ἰλίου πύργους ἔπι, εἰ μὴ σε θύσω, μάντις ὡς Κάλχας λέγει, οὐδ' ἔστι Τροίας ἐξελεῖν κλεινὸν βάθρον. μέμνηε δ' Ἀφροδίτη τις Ἑλλήνων στρατῶ πλεῖν ὡς τάχιστα βαρβάρων ἐπὶ χθόνα, παῦσαι τε λέκτρων ἀρπαγὰς Ἑλληνικῶν: οἱ τὰς ἐν Ἄργει παρθένους κτενοῦσί μου ὑμᾶς τε κάμῃ, θέσφατ' εἰ λύσω θεᾶς. οὐ Μενέλεός με καταδεοῦλωται, τέκνον, οὐδ' ἐπὶ τὸ κείνου βουλόμενον ἐλήλυθα, ἀλλ' Ἑλλάς, ἧ δεῖ, κὰν θέλω κὰν μὴ θέλω, θῦσαι σε: τούτου δ' ἦσσονες καθέσταμεν» (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>). Data de consulta 8-I-2022.

11 Eurípides, *Ifigênia em Aulis* (vv. 94-111). Em: *Eurípides Obras Completas*, trad. J. A. López Férez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008. Texto grego:

«οὐ δὴ μ' ἀδελφὸς πάντα προσφέρων λόγον ἔπεισε τλιῆναι δεινά. κὰν δέλτου πτυχαῖς γράψας ἔπεμψα πρὸς δάμαρτα τὴν ἐμὴν πέμπειν Ἀχιλλεῖ θυγατέρ' ὡς γαμουμένην, τό τ' ἀξίωμα τάνδρὸς ἐκγαυρούμενος, συμπλεῖν τ' Ἀχαιοῖς οὔνεκ' οὐ θέλοι λέγων,

Estes *estados mutáveis* do Agamenon de Eurípides, Hegel os estuda na *Fenomenologia do Espírito* como sendo momentos dialéticos de autoconhecimento de uma consciência de si trágica. Hegel os aponta usando uma chave conceitual modal, que segundo minha leitura seria uma Fenomenologia do Trágico, capaz de expressar em notações “lógico-fenomenológico -estético”, cada um dos distintos momentos figurativos das experiências trágicas ou catastróficas, capazes de determinar o fundamento ou razão da autoconsciência do herói. Estados mutáveis da alma humana (*die Seele / der Geist*) que vão se manifestando sensivelmente nas atitudes *erráticas*¹² do herói, nitidamente perceptíveis às outras consciências em Áulis.

Os estados de perturbações psíquicas sobre os objetos sensíveis na realidade,¹³ são para Hegel sentidos pelas consciências na modalidade (*Weise*) da *Certeza sensível*. Modo de conhecer que adquire a consciência pela experiência sensível de qualquer objeto concreto na realidade. E que na tragédia de Eurípides, é no acampamento de Áulis onde as consciências das

εἰ μὴ παρ' ἡμῶν εἰσιν ἐς Φθίαν λέχος: πειθῶ γὰρ εἶχον τήνδε πρὸς δάμαρτ' ἐμήν, ψευδῆ συνάψας ἀντὶ παρθένου γάμιον. μόνοι δ' Ἀχαιῶν ἴσμεν ὡς ἔχει τάδε Κάλχας Ὀδυσσεὺς Μενέλεώς θ'. ἂ δ' οὐ καλῶς ἔγνω τὸτ', αὐθις μεταγράφω καλῶς πάλιν ἐς τήνδε δέλτον, ἦν κατ' εὐφρόνης σκιάν λύοντα καὶ συνδοῦντά μ' εἰσεῖδες, γέρον. ἀλλ' εἶα χῶρει τάσδ' ἐπιστολὰς λαβὼν πρὸς Ἄργος». (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>).
Data de consulta 1-XI-2021.

- 12 As distintas atitudes erráticas de Agamenon, *exteriorizam-se* (*entäußern sich*) negativamente enquanto traços de estranhamento (das *fremde Negative*) mental, e são percebidos em diferentes circunstâncias pelas outras personagens (Ancião, Menelão, Clitemnestra e Ifigênia): «*Anciano*: Has encendido la luz de un candelil y andas escribiendo en esa tablilla que todavía sostienes en tus manos. Y tan pronto emborronas las letras como les pones tu sello, para luego volver a abrirlo y arrojar al suelo la tablilla de madera, mientras viertes abundantes lágrimas, sin que te falte nada para estar loco» (vv.35-43); «*Menelao*: Lo cierto es que tus pensamientos son retorcidos, ahora, antes, y después. ¡Tener una mente que no se mantiene firme sí que es injusto y desleal para los amigos!» (vv. 332-335); «*Clitemnestra*: ¡Oh desventurada de mí! ¿Acaso será que mi esposo se ha vuelto loco (μεμηνώς)?» (v.876); «*Ifigenia*: ¡Voy a ser asesinada! ¡Perezco por obra del degüello impío de mi impio padre!» (vv.1317-1318) «*Agamenon*: ¡Ay de mí! ¡Perdí la razón! ¡Ay ay! ¡Caigo en la confusión!» (vv. 139-140). Eurípides, *Ifigênia em Aulis*. Em: *Eurípides Obras Completas*, trad. J.A López Férez e J.M Labiano, Madrid, Cátedra, 2008 (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>).
- 13 «Dentro de esta consideración, puede decirse a quienes afirman esa verdad y certeza de la realidad de los objetos sensibles (welche jene Wahrheit und Gewissheit der Realität der sinnlichen Gegenstände behaupten) que harían bien en remitirse a la escuela más elemental de sabiduría, la de los antiguos misterios eleusinos de Ceres y Baco, y en haber aprendido primero el secreto del comer pan y beber vino; pues quien está iniciado en estos misterios no sólo llega a dudar del ser de las cosas sensibles en ellas mismas, en parte las ve a ellas consumarse». Hegel, trad. Antonio Gómez Ramos, 2010, p. 175.

personagens de Ulisses, Menelão e Aquiles, deixam em evidencia as atitudes erráticas¹⁴ de Agamenon e fazem tremer o trono dele. É assim que no âmbito político se manifestam ao longo da obra diferentes intrigas pelo poder imperial (*ἄναξ*), entretidas pelos príncipes pan-helênicos. De todas as intrigas, a que produz maior medo à Agamenon é a muito provável irrupção violenta do exército contra sua integridade. Esse exército de bravos guerreiros argivos é concebido por Hegel como: «Assembleia de Espíritos do Povo», sendo um corpo militar concêntrico nas figuras fundamentais dos *Príncipes* das *Polis* gregas.

O espírito do povo helênico é esse exército mobilizado que está impaciente na beira de Áulis, aguardando com sede de sangue e glória o sinal da *assembleia de espíritos do povo* mediante a voz de mando supremo (*Oberbefehl*). Mandato imperial que ordena o mundo ético-político da Hélade para guerrear contra seus inimigos em Troia:

La asamblea de los espíritus del pueblo constituye un círculo de figuras que, ahora, comprende tanto la entera naturaleza como el mundo ético entero. También ellos están más bien bajo el *mando supremo* (unter dem *Oberbefehl*) de uno que bajo su *dominación suprema* (*Oberherrschaft*). Para sí, ellos son las substancias universales de lo que *en sí* es y hace la esencia *autoconsciente*. Pero es ésta la que constituye la fuerza y, por de pronto, el centro, cuando menos, por el que se esfuerzan aquellas esencias universales y que de primera parece vincular sus asuntos sólo de manera contingente.¹⁵

14 Notações das manifestações das intrigas de poder dos príncipes pan-helênicos no texto de Eurípides: «*Menelao*: Gloriate, pues, de tu cetro traicionando a tú hermano. Yo, por mi parte, recurriré a otros recursos y a otros amigos» (vv. 412-413). «*Agamenón a Menelao*: Te lo permito, pues tuyo es el poder (*τὸ κράτος*), y la gloria, y mía la desdicha» (v. 472). «*Agamenón*: ¿Y no crees, entonces, que [*Ulises*] se alzaré en medio de los argivos y relataré los oráculos que Calcante interpretó, y que yo di mi consentimiento al sacrificio y que luego menté respecto de que la sacrificaría a Artemis? ¿No se las arreglaría para hacerse con el ejército y daría orden a los argivos, luego de matarnos a ti y a mí, de degollar a la muchacha?» (vv. 529-532). «*Aquiles*: pero el soberano Agamenón ha cometido un ultraje contra mí. Tendría que haberme pedido permiso para usar mi nombre [...] Yo se lo habría permitido en favor de los helenos, si la travesía a Ilión se resentía por ese punto. No me habría negado a contribuir en la estrategia común de aquellos hombres en cuya compañía iba a la guerra». Eurípides, *Ifigênia em Aulis* (vv.961-967). Em: *Eurípides Obras Completas*, trad. J. A. López Férez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008.

15 Hegel, 2010, p. 829. Texto alemão: «Die Versammlung der Volksgeister macht einen Kreis von Gestalten aus, der jetzt die ganze Natur wie die ganze sittliche Welt befaßt. Auch sie stehen unter dem Oberbefehl mehr des Einen als seiner Oberherrschaft. Für sich sind sie die allgemeinen Substanzen dessen, was das selbstbewußte Wesen an sich ist und tut. Dieses aber macht die Kraft und zunächst den

A assembleia de guerreiros pan-helênicos do mundo arcaico representa cada um dos espíritos dos povos presentes nas praias de Áulis, todos eles têm lideranças, príncipes, figuras sobressalientes que se vinculam entre si pela honra da Hélade, e constituem dessa maneira, um círculo ético de pertença. Contudo, eles também possuem um rei *máximo* (*ἄναξ*), o qual tem o mando supremo (*Oberbefehl*) que recai na figura singular de Agamenon, quem encarna humanamente a imagem da dominação suprema (*Oberherrschaft*), que corresponde ao poder absoluto de Zeus. Essa assembleia foi formada pela contingência de um juramento¹⁶ que foi feito no casamento de Menelão. Um pacto de honra com libações manifestas reciprocamente entre os príncipes de toda Hélade, no qual se exteriorizava que se acontecer um rapto bárbaro da princesa Helena então todos os príncipes estariam obrigados de entrar em guerra contra um inimigo comum, e marchariam com tropas à cidade que tivesse cometido a *injúria*, formando-se, dessa maneira, a primeira figuração da *unidade ética política* da Grécia antiga.

No entanto, existe uma eticidade (*die Sittlichkeit*) ainda mais antiga que a liga política da Hélade,¹⁷ e essa está conformada por vínculos naturais afetivos mais fortes, ela é a família arcaica grega. Agamenon se encontra agindo dentro de um conflito paradoxal entre duas *potências éticas* (*die sittlichen Mächte*),

Mittelpunkt wenigstens aus, um den jene allgemeinen Wesen sich bemühen, der nur erst zufälligerweise ihre Geschäfte zu verbinden scheint». Hegel Werke, 2000, p. 677 (paginação da primeira edição de 1807).

16 Eurípides, *Ifigênia em Aulis* (vv. 58-65). Em: *Eurípides Obras Completas*, trad. J. A. López Férez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008.

17 Eurípides, *Ifigênia em Aulis* (vv. 394-395). Em: *Eurípides Obras Completas*, trad. J. A. López Férez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008.

as leis da família e as leis do Estado.¹⁸ As potências éticas¹⁹ movimentam pendularmente o agir de Agamenon, quem deverá tomar a decisão final de erguer o cetro, sacrificar Ifigênia e guiar militarmente os argivos à Troia, ou ele deverá tomar a decisão final de conservar a lei do sangue e do amor familiar pela filha, ficando oposto e exposto contra o mandato do oráculo de Calcas e os mandatos do exército pan-helênico. Essa terrível encruzilhada, sensível e profunda, na aparentemente calma e bela eticidade (*schöne Sittlichkeit*) grega arcaica, terá um final trágico. *Único modo* de desenlace reconhecido no mundo antigo (seja nos períodos de arcaísmo, classicismo, helenismo), porque frente aos deveres patrióticos dos cidadãos de irem a guerra, exigem-se os maiores sacrifícios para que se tornem homens heroicos nas suas Polis gregas.

No momento marcante da decisão trágica, o bem familiar devia então ser sacrificado em benefício do bem-estar da substância ética universal do Estado. Os homens gregos eram levados, segundo a interpretação hegeliana do sacrifício (*Aufopferung*),²⁰ a decidir prioritariamente em favor dos costumes

18 «A primeira lei, a lei humana, incumbe ao homem, ao cidadão do povo, enquanto a segunda encontra sua individualização e sua realização na mulher, a dona conservadora da casa. Certamente, as duas leis são opostas uma à outra, mas sua oposição, precisa ele, «é antes a confirmação de uma essência pela outra». Elas se interpenetram e se completam para produzir esta bela totalidade equilibrada, o reino ético que «em sua subsistência, é um mundo imaculado, que não é alterado por nenhuma coisa». Ora, o mundo, sustenta Hegel, vem necessariamente a cindir-se, a dilacerar-se, e findará por sucumbir. No seu ponto de vista, o sucumbir desta bela totalidade equilibrada apenas poderia ser a obra da consciência de si que, manifestando e atuando, surgirá «em seu direito como individualidade singular». Com efeito, neste mundo, neste reino ético de equilíbrio e de tranqüila beleza, a individualidade vai unicamente como vontade universal do povo ou como sangue da família. Ela apenas tem sentido enquanto particularização de suas essenciais ou de suas leis -humana e divina – que se confirmam uma na outra e que formam a bela totalidade ética, a *schöne Sittlichkeit*». Trad. A. Bavaresco e D. Vaz-Curado, 2015, p. 127.

19 «Ebenso das ihr gegenübertretende Selbstbewusstsein teilt sich nach seinem Wesen der einen dieser Mächte zu, und als Wissen in die Unwissenheit dessen, was es tut, und in das Wissen desselben, das deswegen ein betrogenes Wissen ist. Es erfährt also in seiner Tat sowohl den Widerspruch jener Mächte, worin die Substanz sich entzweite, und ihre gegenseitige Zerstörung, wie den Widerspruch seines Wissens von der Sittlichkeit seines Handelns mit dem, was an und für sich sittlich ist, und findet seinen eigenen Untergang. In der Tat aber ist die sittliche Substanz durch diese Bewegung zum wirklichen Selbstbewusstsein geworden oder dieses Selbst zum Anundfürsichseienden; aber darin ist eben die Sittlichkeit zugrunde gegangen». Hegel Werke, 2000, p. 383 (paginação da primeira edição de 1807).

20 «Die allgemeinen sittlichen Wesen sind also die Substanz als Allgemeines und sie als einzelnes Bewußtsein; sie haben das Volk und die Familie zu ihrer allgemeinen Wirklichkeit, den Mann aber und das Weib zu ihrem natürlichen Selbst und der betätigenden Individualität. In diesem Inhalt der sittlichen Welt sehen wir die Zwecke erreicht, welche die vorhergehenden

essencialistas da coisa *pública* (*das Gemeinwesen*). Isto em claro detrimento da autonomia das suas vidas privadas, não tendo de fato, outras opções para realizar escolhas livres e autônomas para suas vidas individuais, as quais terminavam sendo absorvidas completamente naquela eticidade encontrada (*ist hier vorgefundene Sitte, aber eine Wirklichkeit, die zugleich Tat und Werk des Findenden ist*), fruto da obra feita como realidade efetiva nas condições essencialistas da comunidade grega antiga.

A escolha pela substância universal da coisa pública (*das Gemeinwesen*)²¹ produzirá uma quebra profunda entre os interesses e as leis que expressam as potências éticas, lei humana (*das menschliche Gesetz*) / lei divina (*das göttliche Gesetz*). Ambas potências vão se contrapor de maneira direta em um determinado conflito trágico, que ferirá de morte a quietude e paz, abstrata e imediata, do espírito da bela eticidade grega, fraturando sensivelmente as relações mais amorosas do ser ético da família (*das sittliche Sein der Familie*), devido a que a vida sentimental das subjetividades conscientes de si entrarão inevitavelmente em colisão trágica, tanto com os outros membros de suas famílias (*der Familienglieder*) como também com o Governo (*der Regierung*)²²

substanzlosen Gestalten des Bewußtseins sich machten; was die Vernunft nur als Gegenstand auffasste, ist Selbstbewußtsein geworden, und was dieses nur in ihm selbst hatte, als wahre Wirklichkeit vorhanden.- Was die Beobachtung als ein Vorgefundenes wusste, an dem das Selbst keinen Teil hätte, ist hier vorgefundene Sitte, aber eine Wirklichkeit, die zugleich Tat und Werk des Findenden ist. - Der Einzelne, die Lust des Genusses seiner Einzelheit suchend, findet sie in der Familie, und die Notwendigkeit, worin die Lust vergeht, ist sein eigenes Selbstbewußtsein als Bürgers seines Volks;- oder es ist dieses, das Gesetz des Herzens als das Gesetz aller Herzen, das Bewußtsein des Selbsts als die anerkannte allgemeine Ordnung zu wissen; - es ist die Tugend, welche der Früchte ihrer Aufopferung genießt; sie bringt zustande, worauf sie geht, nämlich das Wesen zur wirklichen Gegenwart herauszuheben, und ihr Genug ist dies allgemeine Leben. - Endlich das Bewußtsein der Sache selbst wird in der realen Substanz befriedigt, die auf eine positive Weise die abstrakten Momente jener leeren Kategorie enthält und erhält. Sie hat an den sittlichen Mächten einen wahrhaften Inhalt, der an die Stelle der substanz losen Gebote getreten, die die gesunde Vernunft geben und wissen wollte, - sowie hierdurch einen inhaltvollen, an ihm selbst bestimmten Maßstab der Prüfung nicht der Gesetze, sondern dessen, was getan wird». Hegel Werke, 2000, pp. 399-400 (paginação da primeira edição de 1807).

21 «Diese Bestimmung fällt nicht in die Familie selbst, sondern geht auf das wahrhaft Allgemeine, das Gemeinwesen; sie ist vielmehr negativ gegen die Familie und besteht darin, den Einzelnen aus ihr herauszusetzen, seine Natürlichkeit und Einzelheit zu unterjochen und ihn zur Tugend, zum Leben in und fürs Allgemeine zu ziehen». Hegel Werke, 2000, pp. 387 (paginação da primeira edição de 1807).

22 «Das Gemeinwesen, das obere und offenbar an der Sonne geltende Gesetz, hat seine wirkliche Lebendigkeit in der Regierung, als worin es Individuum ist. Sie ist der in sich reflektierte

da cidade-Estado. Oposições e colisões violentas entre as potências éticas, e que para Hegel se tornarão universalmente perceptíveis para as consciências de si, através de textos sutis e inquietantes representações teatrais das obras de Sófocles, *Esquilo* e *Eurípides*:

A principal oposição, que particularmente Sófocles tratou de maneira mais bela, a exemplo de Esquilo, é a que se da entre o *Estado*, a vida ética que em sua universalidade espiritual, e a *família* como eticidade natural. Estas são as mais puras potências da representação trágica, na medida em que a harmonia destas esferas e o agir plenamente concordante, no interior de sua efetividade, constitui a realidade completa da existência ética. É suficiente recordar a este respeito *Sete contra Tebas* de Esquilo, e mais ainda a *Antígona* de Sófocles. Antígona honra os laços de sangue, os deuses subterrâneos, Creonte somente a Zeus, a potência imperante da vida pública e do bem coletivo. Também encontramos um conflito semelhante na *Ifigênia em Aulide* bem como no *Agamenon*, nas *Coéforas* e nas *Eumênides* de Esquilo e na *Elektra* de Sófocles. Como rei e líder da armada, Agamenon sacrifica a sua filha ao interesse dos gregos e da expedição a Troia e rompe assim os laços de sangue com a filha e a esposa, os quais Clitemnestra como mãe, conserva no mais profundo do coração e, por isso, tomada pela vingança prepara para o marido que está retornando ao lar um assassinato ignominioso. Orestes, o filho e o filho do rei, honra à mãe, mas tem de representar o direito do pai, o rei, e mata o ventre²³ que o gerou²⁴.

Os mitos trágicos dos Atridas analisados por Hegel nos *Cursos de Estética* e na *Fenomenologia do Espírito*, são investigados filosoficamente como aquelas contraposições orgânicas das consciências de si nas suas essencialidades universais éticas (Die allgemeinen sittlichen Wesen), manifestas nas esferas comunitárias da família e do Estado. As consciências heroicas conseguem exprimir suas potencialidades éticas enquanto elas são membros orgânicos (*Mitglied*) das duas comunidades. Conjuntos vivos que expressam relações

wirkliche Geist, das einfache Selbst der ganzen sittlichen Substanz. Diese einfache Kraft erlaubt dem Wesen zwar, in seine Gliederung sich auszubreiten und jedem Teile Bestehen und eigenes Fürsichsein zu geben. Der Geist hat hieran seine Realität oder sein Dasein, und die Familie ist das Element dieser Realität. Aber er ist zugleich die Kraft des Ganzen, welche diese Teile wieder in das negative Eins zusammenfasst, ihnen das Gefühl ihrer Unselbständigkeit gibt und sie in dem Bewusstsein erhält, ihr Leben nur im Ganzen zu haben». *Phänomenologie des Geistes – a. Die sittliche Welt. Das menschliche und göttliche Gesetz, der Mann und das Weib*. In: Hegel Werke, 2000, pp. 392-393 (paginação da primeira edição de 1807).

23 *Orestes a Clitemnestra*: «Asesinaste a aquel que no debías; sofre, pues, una muerte que no debías». Esquilo, *Coéforas* (vv. 930-931). *Em Esquilo Obras Completas*, trad. J. Alsina, Madrid, Cátedra, 2008.

24 G.W.F. Hegel, *Cursos de Estética - Volume IV. «O desenvolvimento concreto da poesia dramática e suas espécies»*, trad. M. Werle, São Paulo - Brasil, EDUSP, 2004. p. 253.

conflitivas com finais trágicos para as consciências de si heroicas, as quais justificam sempre suas ações seguindo leis ou mandatos:

Ela [a tragédia] faz, sem dúvida desfilar diante de nós numerosos crimes, tais como parricídios e outros atentados contra o amor familiar e a piedade, mas tais crimes não são apresentados como simples atrocidades nem são explicados pela fatalidade cega e irracional, com a falsa aparência de necessidade. Os crimes cometidos pelos homens, muitas vezes por ordem dos deuses, são sempre representados como tendo em si mesmos a sua própria justificação.²⁵

O assassinato de Ifigênia, um sacrifício sangrento da própria filha, Agamenon o justifica clara e friamente como sendo um mandato divino da Deusa Artemisa revelado pelo oráculo de Calcas, dando uma ordem patriótica com a qual Agamenon *não teria condições* de fugir, tanto se quisesse como se não quisesse perpetrar esse horrendo crime, devido a que o ato heroico será realizado em prol do bem supremo, a vida ética e a honra do povo heleno:

Agamenón: Es terrible para mí atreverme a estas barbaridades, mujer, pero también me es terrible no hacerlo, ya que estoy en la obligación de actuar así. Contemplad qué enorme es esta hueste naval, y qué enorme es el número de soberanos helenos de bronceínas armas, cuyo viaje hasta las torres de Ilión no resulta posible, ni destruir los ilustres cimientos de Troya, si no te sacrifico, como dice el adivino Calcante.

Un arretrato de pasión ha hecho enloquecer al ejército de los helenos por ir por mar cuanto antes a territorio bárbaro y poner fin a los raptos de esposas helenas. Matarán a las hijas que tengo en Argos y a vosotros, y a mí, si no observo los oráculos de la Diosa. Menelao no me tiene convertido en esclavo hija, ni me ha plegado los designios de su voluntad, sino la Hélade en cuyo provecho debo, tanto si quiero como si no, sacrificar. Nosotros somos inferiores a esta circunstancia.²⁶

A sentença final ditada por Agamenon na sua última fala perante à família –Clitemnestra, Ifigênia e o pequeno Orestes – expressa cruelmente o caminho

25 G.W.F. Hegel, 1996, p. 550.

26 Eurípidés, *Ifigênia em Aulis* (vv.1256-1272). Em: *Eurípidés Obras Completas*, trad. J. A. López Férez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008. Texto grego:

«δαινῶς δ' ἔχει μοι ταῦτα τολμησαι, γύναι, δαινῶς δὲ καὶ μή: τοῦτο γὰρ πρᾶξιαι με δεῖ. ὀρθῶν ὅσον στρατεύματα ναύφρακτον τόδε, χαλκῆων θ' ὀπλων ἄνακτες Ἑλλήνων ὅσοι, οἷς νόστος οὐκ ἔστι Ἰλίου πύργους ἔπι, εἰ μή σε θύσω, μάντις ὡς Κάλχας λέγει, οὐδ' ἔστι Τροίας ἐξελεῖν κλεινὸν βάθρον. μέμνηε δ' Ἀφροδίτη τις Ἑλλήνων στρατῶ πλεῖν ὡς τάχιστα βαρβάρων ἐπὶ χθόνα, παῦσαι τε λέκτρων ἀρπαγᾶς Ἑλληνικῶν: οἱ τὰς ἐν Ἄργει παρθένους κτενοῦσί μου ὑμᾶς τε κάμει, θέσφατ' εἰ λύσω θεᾶς. οὐ Μενελέως με καταδεοῦλωται, τέκνον, οὐδ' ἐπὶ τὸ κείνου βουλόμενον ἐλήλυθα, ἀλλ' Ἑλλάς, ἧ δεῖ, κἂν θέλω κἂν μὴ θέλω, θῦσαι σε: τοῦτου δ' ἦσσαντες καθέσταμεν» (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>). Data de consulta 10-I-2022.

trágico que levará ao sacrifício em Áulis. A sentença de morte para a filha amada²⁷ está acompanhada do respeito e medo que sente Agamenon pelo povo armado²⁸, e finalmente será fechado o círculo (der *Kreis*) decisório com ponto da ambição desmedida por comandar *o exército* na guerra de Troia, marcando desta maneira a real postura política do Rei-Pai:

Agamenón: ¡Venga! Que hemos llegado a un punto en el que el trance de consumir el cruento asesinato de mi hija es ya inexorable.

Menelao: ¿Cómo? ¿Pero quién te va a forzar a matarla?

Agamenón: Toda la concurrencia del ejército de los aqueos.²⁹

E logo depois,

Agamenón: De una única cosa, Menelao, cuídate por mí cuando acudas al campamento: de que Clitemnestra no se entere de estos hechos hasta que coja a mi hija y se la entregue a Hades por esposa, de modo que atraviese así ese mal trato con las menos lágrimas posibles.³⁰

É assim que as ações de Agamenon são dirimidas pelo medo, ambição e oscilações comportamentais, que lhe possibilitam conservar o poder supremo, obtendo um novo reconhecimento por parte do exército pela *ação decidida* e desmedida de sacrificar sua filha pela graça da Grécia. Porém, o paradoxo trágico ainda será mantido após o sacrifício de Ifigênia, já que Agamenon

27 Eurípides, *Ifigênia em Áulis* (vv. 634-639; vv. 396-399; vv. 1255-1256). Em: *Eurípides Obras Completas*, trad. J. A. López Férrez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008.

28 «Agamenón teme “la cólera de su pueblo”». Vernant y Naquet, *Mito y Tragedia en la Grecia Antigua – volumen II*. Barcelona, Paidós, 2002, p. 102.

29 Eurípides, *Ifigênia em Áulis* (vv. 511-515). Em: *Eurípides Obras Completas*, trad. J. A. López Férrez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008. O medo extremo e a ambição desmedida por poder político e militar por parte de Agamenon, são ressaltados em diversos versos por Eurípides: (vv. 80-85; vv. 170-180; vv. 265-270; vv. 295-302; vv. 350-357; vv. 413-415; 495-500; v. 1012; vv. 1258-1265).

Texto grego (vv. 511-515):

«Ἀγαμέμνων

ἀλλ’ ἤκομεν γὰρ εἰς ἀναγκαίας τύχας, θυγατρὸς αἰματηρὸν ἐκπῶξι φόνον.

Μενέλαος πῶς; τίς δ’ ἀναγκάσει σε τὴν γε σὴν κτανεῖν;

Ἀγαμέμνων ἅπας Ἀχαιῶν σύλλογος στρατεύματος». (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>).

Data de consulta 10-I-2022.

30 Eurípides, *Ifigênia em Áulis* (vv. 538-542). Em: *Eurípides Obras Completas*, trad. J. A. López Férrez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008. Texto grego:

«ἐν μοι φύλαξον, Μενέλεως, ἀνὰ στρατὸν ἐλθῶν, ὅπως ἂν μὴ Κλυταιμῆστρα τάδε μάθῃ, πρὶν Ἄϊδη παῖδ’ ἐμὴν προσθῶ λαβῶν, ὡς ἐπ’ ἐλαχίστοις δακρυίοις πράσσω κακῶς.

ὕμεις τε σιγὴν, ὃ ξένοι, φυλάσσετε». (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>). Data de consulta 10-I-2022.

também sacrificou no ato a sua condição de pater família, perpetrando um crime horroroso até para o olhar guerreiro da sociedade grega arcaica. Fruto desse acontecimento extraordinário, Agamenon atraiu naturalmente as Erinias e a ordem subterrânea,³¹ por ter acontecido um crime contra um membro da sua própria família e que mexeu com as entranhas maternas da sua esposa, Clitemnestra, a qual jamais esquecerá e não lhe perdoará! Ao contrário, ela aguardará para se vingar no momento exato do retorno triunfal do herói – como aparece narrado no mito trágico da *Oresteia* – mediante outro horroroso assassinato familiar. Clitemnestra prepara então uma armadilha sangrenta e traiçoeira contra Agamenon, mata-o servindo-se de uma conspiração palaciana com ajuda do seu amante Egisto:

Clitemnestra: No creo que tuviera innoble muerte. ¿No fue él, acaso, quien trajo la desgracia a mi familia? Por el dolor que causó injustamente al ser que de él brotara, la llorada mil veces Ifigenia, ¡que sufra justamente! Que en Hades no presuma con exceso con su muerte: por obra de una espada ha pagado sus actos.³²

O grande herói de Argos, que justificou em Áulis com argumentos retórico-políticos a necessidade do sacrifício da sua filha, *não* obteve nada mais que um final trágico nas mãos de sua própria esposa, descortinando-se a fragilidade da existência humana, mesmo presente nas vidas épicas dos heróis da Grécia arcaica.

A colisão trágica das escolhas substanciais entre a coisa pública (*das Gemeinwesen*) e a família (*der Familie*), trouxe para o comandante Agamenon

31 «die unterirdische Macht, und es ist seine Erinnye, welche die Rache betreibt; denn seine Individualität, sein Blut, lebt im Hause fort; seine Substanz hat eine dauernde Wirklichkeit. Das Unrecht, welches im Reiche der Sittlichkeit dem Einzelnen zugefügt werden kann, ist nur dieses, dass ihm rein etwas geschieht. Die Macht, welche dies Unrecht an dem Bewusstsein verübt, es zu einem reinen Dinge zu machen, ist die Natur, es ist die Allgemeinheit nicht des Gemeinwesens, sondern die abstrakte des Seins; und die Einzelheit wendet sich in der Auflösung des erlittenen Unrechts nicht gegen jenes, denn von ihm hat es nicht gelitten, sondern gegen dieses». *Phänomenologie des Geistes – a. Die sittliche Welt. Das menschliche und göttliche Gesetz, der Mann und das Weib*. In: Hegel Werke, 2000, p. 401 (paginação da primeira edição de 1807).

32 Esquilo, Agamenón (vv. 1521-1530). Em: Esquilo Obras Completas, trad. J. Alsina, Madrid, Cátedra, 2008. Texto grego:
 «οὐτ' ἀνελεύθερον οἶμαι θάνατον τῶδε γενέσθαι.
 οὐδὲ γὰρ οὗτος δολίαν ἄτην οἴκοισιν ἔθηκ';
 ἀλλ' ἐμὸν ἐκ τοῦδ' ἔρνος ἀερθέν. τὴν πολυκλαύτην Ἴφιγενείαν,
 ἄξια δράσας ἄξια πάσχων μηδὲν ἐν Ἄιδου μεγαλαυχεῖτω,
 ζυφοδηλήτω, θανάτω τείσας ἄπερ ἤρξεν». (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>). Data de consulta 2-XI-2021.

e para sua esposa Clitemnestra, desfechos trágicos. Ambos sofrerão mortes violentas, crimes vingativos pelo sangue familiar derramado, que foi advertido com muito veneno passional por Clitemnestra em Áulis antes de Agamenon sacrificar a Ifigênia:

Clitemnestra: A ver si te marchas a la guerra y me dejas a mí en casa, y te encuentres allí por un largo periodo de ausencia ¿qué sentimiento crees que albergaré en casa mi corazón, cuando contemple el asiento de esta muchacha completamente vacío, y vacíos asimismo los aposentos de las doncellas, y me eche sola entre lágrimas sin dejar de repetir constantemente la misma letanía: “Te ha perdido hija mía, el padre que te engendró, matándote él en persona, no otro ni por mano ajena, dejando tras de sí semejante pago a tu hogar”? ¿Con que solo será necesario un breve pretexto para que las hijas que te quedan y yo te dispensemos la bienvenida que precisamente hay que darte. ¡No, de ningún modo, por los dioses! ¡No me fuerces a ser malvada contigo, ni tú mismo lo seas tampoco! Bien. Vas a sacrificar a tu hija, ¿qué plegarias pronunciarás en ese momento? ¿Qué bien suplicarás para ti en el momento de inmolar a tu hija? ¿Un duro regreso, toda vez que de casa ya partes con deshonor? ¿O es que sería justo que yo suplicase algún bien en tu favor? No creeríamos en ese caso, desde luego, que los dioses son inteligentes, si albergamos buenos pensamientos en favor de los asesinos. Y cuando regreses a Argos, ¿abrazarás a tus hijos? ¡Pero si ya no puedes! ¿Cuál, incluso, de tus hijos te dirigirá su mirada, si luego, tras dejar que se te acercase, matas a uno de ellos? ¿Ya has razonado sobre estos hechos o solo te preocupa seguir empuñando el cetro hasta el final y mandar ejércitos? Tendrías que haber pronunciado ante los argivos un discurso justo: “¿Queréis, aqueos, ir por mar al territorio de los frigios? Elegid por sorteo el hijo de quién ha de morir”. Eso habría supuesto, efectivamente, un trato equitativo, y no el hecho de que tú fueses el escogido para ofrecer a los dánaos a tu hija como selecta víctima. O bien que Menelao, a quien justamente incumbe el problema, mate a Hermíone en interés de su madre. Ahora en cambio, yo, que he mantenido intacto tu lecho, me voy a ver despojada de mi hija, mientras que la mujer que cometió el yerro va recobrar en Esparta a la joven que quedó en casa y va ser dichosa. Replícame a estas cuestiones si en algún punto no tengo razón. Pero si están bien dichas, no des, ahora por lo menos, muerte a nuestra hija, tuya y mía, y serás sensato.”³³

33 Eurípides, *Ifigênia em Aulis* (vv. 1171-1208). Em: *Eurípides Obras Completas*, trad. J. A. López Férez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008. O sublinhado no texto quer chamar atenção das três mortes (Ifigênia, Agamenon, Clitemnestra), que vislumbra Clitemnestra já em Aulis. Texto grego:

«ἄγ', εἰ στρατεύσῃ καταλιπὼν μ' ἐν δόμασιν, κάκει γ' ἐνήσῃ διὰ μακρᾶς ἀπουσίας, τίς ἐν δόμοις με καρδίαν ἔξειν δοκεῖς; ὅταν θρόνους τῆσδ' εἰσίδω πάντας κενούς, κενούς δὲ παρθενῶνας, ἐπὶ δὲ δακρῦοις μόνη κάθωμαι, τήνδε θρηνηφοῦσ' ἄει: Ἀπώλεσέν σ', ὃ τέκνον, ὃ φευτέσας πατήρ, αὐτὸς κτανών, οὐκ ἄλλος οὐδ' ἄλλη χερί, τοιόνδε νόστον καταλιπὼν πρὸς τοὺς δόμους. ἐπεὶ βραχείας προφάσεως ἔδει μόνον, ἐφ' ἧ σ' ἐγὼ καὶ παῖδες αἱ λελειμμέναι δεξόμεθα δέξιν ἦν σε δέξασθαι χρεῶν. μὴ δῆτα πρὸς θεῶν μῆτ' ἀναγκάσης ἐμὲ κακὴν γενέσθαι περὶ σέ, μῆτ' αὐτὸς γένη. εἰέν: θύσεις † δὲ παῖδ', ἔνθα † τίνας εὐχὰς ἐρεῖς; τί σοι κατεύξῃ τὰγαθόν, σφάζων τέκνον; νόστον πονηρόν, οἰκοθὲν γ' αἰσχροῦς ἰών; ἀλλ' ἐμὲ δίκαιον ἀγαθὸν εὐχεσθαι τί σοι; οὐ τὰρ' ἀσυνέτους τοὺς θεοὺς ἠγοίμεθ' ἄν, εἰ τοῖσιν αὐθένταισιν εὖ φρονήσομεν; ἦκων δ' ἄν Ἄργος προσπέσοις τέκνοισι σοῖς; ἀλλ' οὐ θέμις σοι. τίς δὲ καὶ προσβλέπεται

O vislumbre (*Ahnung*) das últimas advertências de Clitemnestra tornam-se *proféticas*. Um saber profundo que consegui apanhar completamente as possibilidades do futuro de maneira intuitiva. A imaginação (*Einbildungskraft*)³⁴ de Clitemnestra, permite-lhe ver com clareza o que vai acontecer com sua família se Agamenon insiste em sacrificar sua filha. Ifigênia, Agamenon e a própria Clitemnestra, morreram violentamente, tudo devido a causa inicial do dever patriótico de Agamenon de sacrificar sua filha como oferenda divina (*Hóstia*), sacrificando-se a si mesmo enquanto pai, e sacrificando também à condição de mãe de sua esposa Clitemnestra, desestruturando dessa maneira a esfera ética natural da substância familiar Atrida.

No paradoxo trágico, a família antiga da eticidade grega se encontra aprisionada e asfixiada enquanto feminilidade que é subjugada pelo poder político-militar do seu extremo oposto, a masculinidade do Estado. Para Hegel, o termo da oposição trágica da feminilidade contra a masculinidade se expressa nas *determinações* da lei interior e divina, que conserva e guarda a família através dos membros femininos, *são* os costumes e ritos³⁵ que regem as relações sentimentais dos membros da eticidade familiar, especialmente na *administração* do cotidiano dentro de casa, e que são

παιδῶν σ', ἴν' αὐτῶν προσέμενος κτάνης τινά; ταῦτ' ἤλθες ἦδη διὰ λόγων, ἢ σκηπτρά σοι μόνον διαφέρειν καὶ στρατηλατεῖν μέλει; ὃν χρῆν δίκαιον λόγον ἐν Ἀργείοις λέγειν: Βούλεσθ', Ἀγαιοί, πλείν Φρυγῶν ἐπὶ χθόνα; κληῖρον τίθεσθε παῖδ' ὅτου θανεῖν χρεῶν. ἐν ἴσῳ γὰρ ἦν τόδ', ἀλλὰ μὴ σὲ ἐξαιρετον σφάγιον παρασχεῖν Δαναΐδαισι παῖδα σὴν, ἢ Μενέλεων πρὸ μητρὸς Ἑρμιόνης κτανεῖν, οὐπερ τὸ πρᾶγμ' ἦν. νῦν δ' ἐγὼ μὲν ἢ τὸ σὸν σφῆζουσα λέκτρον παιδὸς ἐστερήσομαι, ἢ δ' ἐξαμαρτοῦσ', ὑπότροφον νεάνιδα Σπάρτη κομίζουσ', εὐτυχῆς γενήσεται. τούτων ἄμειψαί μ' εἴ τι μὴ καλῶς λέγω: εἰ δ' εὐ λέλεκται, † νῶϊ μὴ δὴ γε κτάνης † τὴν σὴν τε κάμῃν παῖδα, καὶ σῶφρον ἔση» (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>). Data de consulta 10-I-2022.

34 Sobre o poder da imaginação (*Einbildungskraft*) para elaborar raciocínios especulativos hegelianos sobre as obras de arte, veja-se: J.A. Battes, *Hegel's Theory of Imagination – Memory, the Artist's Einbildungskraft, Phantasie, and Aesthetic Vorstellungen*, U.S.A, State University of New York, 2004, pp. 103 e ss.

35 Em *Ifigênia em Aulis*, o rito do casamento de Ifigênia com Aquiles, será o grande detonante para que Clitemnestra descubra os planos ocultos e sinistros de Agamenon, motivo pelo qual ela será intransigente e não renunciará de jeito nenhum em exigir que os costumes familiares mais relevantes para as mulheres gregas antigas sejam banalizados: «Clitemnestra: ¿Y quién va sostener la antorcha? [...] No es esa la costumbre ni cosa para tomar a la ligera. ¡Lo decoroso es que yo entregue en matrimonio a los hijos que he parido! [...] ¡No por la soberana diosa de Argos! ¡Tú ve y ocúpate de lo de fuera, que de lo de casa me encargo yo, de lo que haya que ofrecer a los jóvenes recién casados!». Eurípides, *Ifigênia em Aulis* (vv. 734-745). Em: *Eurípides Obras Completas*, trad. J. A. López Pérez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008.

passados culturalmente de mãe para filha quando esta vem a ser desposada. Ainda mais, no âmbito do transcendente, os costumes também cabem na mediação religiosa feminina que realiza com o mundo suprassensível, através dos deuses ancestrais—os Penates.³⁶ Deuses do mundo subterrâneo que interagem na escuridão com os mortos da família, e que se opõem ao mundo da luz irradiante dos novos deuses, que iluminam as leis do mundo ético da cidadania-masculina do Estado:

De ahí que sea lo *femenino*, en cuanto hermana, quien tenga el *presentimiento* (*Ahnung*) *más elevado de la esencia ética; no llega a la conciencia* ni a la realidad efectiva de ella, porque la ley de la familia es la *esencia interior que es en sí*, que no está a la luz de la conciencia, sino que se queda en sentimiento interior y en lo divino sustraído a la realidad efectiva. A estos Penates está atado lo femenino, que intuye en ellos, por una parte, su substancia universal, pero, por otra su singularidad, pero de tal manera que esta referencia de la singularidad no sea, a la vez, la referencia natural del placer. [...] Ahora bien, en cuanto *hija*, la mujer tiene que ver desaparecer a los padres con movimiento natural y con calma ética, pues sólo al precio de esa relación llega ella al *ser-para-sí* del que es capaz; su *ser-para-sí*, entonces, no lo contempla en los padres de modo positivo; [...] Pero las relaciones de la *madre* y de la *mujer* tienen singularidad, por una parte, como algo natural que pertenece al placer, por otra, como algo negativo, que sólo ve en ello su desaparición, por otra parte, justo por eso, tal singularidad es algo contingente, que puede ser sustituida por otra singularidad. En la casa de la eticidad no hay *este* hombre, ni *este* hijo, sino un *hombre, hijos en general*; no hay el sentimiento, sino lo universal en que se fundan estas relaciones de la mujer.³⁷

36 O papel preponderante que tiveram na eticidade familiar antiga os *Penates*, deuses das casas nobres, ancestrais destacados e cultuados nos altares privados. Os Penates eram as divindades íntimas, subterrâneas e puramente sentimentais, que conformavam a substância ética familiar antiga, na medida em que eles expressavam a *unidade da existência espiritual* atuante nas relações de amor entre os membros da família. Relações sensíveis que através das disposições espirituais (die *Gesinnung*), subjetivas afetivas e objetivas sensíveis, tanto no patrimônio familiar como na existência dos filhos e netos. Veja-se: G.W.F. Hegel, *Filosofia del Derecho*, § 173 e adendo (2010b).

37 G.W. F. Hegel, *Fenomenología del Espíritu*. – a. *El mundo ético, la ley divina y la ley humana, el hombre y la mujer*; trad. A. Gómez Ramos, Madrid, Abada, 2010, pp. 539-541. Texto alemão:

«Das Weibliche hat daher als Schwester die höchste Ahnung des sittlichen Wesens; zum Bewußtsein und der Wirklichkeit desselben kommt es nicht, weil das Gesetz der Familie das ansichseiende, innerliche Wesen ist, das nicht am Tage des Bewußtseins liegt, sondern innerliches Gefühl und das der Wirklichkeit enthobene Göttliche bleibt. An diese Penaten ist das Weibliche geknüpft, welches in ihnen teils seine allgemeine Substanz, teils aber seine Einzelheit anschaut, so jedoch, daß diese Beziehung der Einzelheit zugleich nicht die natürliche der Lust sei. - Als Tochter muß nun das Weib die Eltern mit natürlicher Bewegung

Ifigênia pertence a esse mundo feminino da família, vê a sua vida ir desaparecendo gradativamente acompanhada de sua mãe, sem poder desde esse mundo feminino da lei familiar enfrentar com sucesso o poderio militar da masculinidade do Estado que exige seu sacrifício, mesmo tendo Ifigênia a seu pai como comandante supremo do exército, além de poder contar com melhor soldado, Aquiles, quem no coração do desenlace está disposto a lutar por ela. Porém, um movimento de *reviravolta inesperado* vai acontecer no auge do desenlace trágico em Áulis, quando os bravos guerreiros (esses soldados acampados por muito tempo em Áulis) ficam surpresos, passivos e incômodos frente a revelação da *coragem extrema* de Ifigênia. A princesa Atrida decide com profunda convicção anímica mudar seu destino, passando temporalmente de ser uma simples menina que suplica ajoelhada pela sua vida, a tornar-se mulher adulta, através da linguagem verbal e corporal que se começa a manifestar nos atos corajosos, tanto no momento do discurso político perante o exército, como também no momento em que exterioriza o gesto de se sacrificar sem medo perante a situação de morte violenta; constituindo-se assim em uma Heroína que será reconhecida por sempre pelo povo grego. Ifigênia no momento do sacrifício heroico veste roupas rituais, uma noiva da Grécia para Hades, que comove e produz admiração e até inveja ao próprio Aquiles³⁸. A maturidade racional (*die gesunde Vernunft*)³⁹ de Ifigênia atinge o seu máximo esplendor, no momento em que *compreende saudavelmente* as leis e os mandatos da substância ética grega e aceita com convicção sua

und mit sittlicher Ruhe verschwinden sehen, denn nur auf Unkosten dieses Verhältnisses kommt sie zu dem Fürsichsein, dessen sie fähig ist; sie schaut in den Eltern also ihr Fürsichsein nicht auf positive Weise an. - Die Verhältnisse der Mutter und der Frau aber haben die Einzelheit teils als etwas Natürliches, das der Lust angehört, teils als etwas Negatives, das nur sein Verschwinden darin erblickt; teils ist sie eben darum etwas Zufälliges, das durch eine andere ersetzt werden kann. Im Hause der Sittlichkeit ist es nicht dieser Mann, nicht dieses Kind, sondern ein Mann, Kinder überhaupt, - nicht die Empfindung, sondern das Allgemeine, worauf sich diese Verhältnisse des Weibes gründen». *Phänomenologie des Geistes – a. Die sittliche Welt. Das menschliche und göttliche Gesetz, der Mann und das Weib*. In: Hegel Werke, 2000, pp. 395-396 (paginação da primeira edição de 1807).

38 «*Aquiles: Envidio a la Hélade por ti, y a ti por la Hélade. Has hablado de un modo verdaderamente correcto y digno de tu patria*». Eurípides, *Ifigênia em Aulis* (vv. 1405-1407). Em: *Eurípides Obras Completas*, trad. J. A. López Férez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008.

39 «Die gesunde Vernunft, eben dies sittliche Bewußtsein, welches unmittelbar weiß, was recht und gut ist, wird auch erklären, daß diese Bedingung mit seinem allgemeinen Ausspruche schon so verbunden gewesen sei, daß sie jenes Gebot so gemeint habe». *Phänomenologie des Geistes – b. Die gesetzgebende Vernunft*. In: Hegel Werke, 2000, pp. 361 (paginação da primeira edição de 1807).

morte, manifestando deste modo trágico, gestos heroicos com qualidades viris extremamente masculinas para esta jovem adolescente, na tragédia premiada de Eurípidés:

Ifigenia: Las ideas que me han venido a la mente mientras reflexionaba conmigo misma escúchalas, madre.

Como ya está decretado que yo muera, quiero hacerlo con nobleza, apartando a un lado de mi camino cualquier señal de bajeza [...] Toda la poderosa Hélade tiene su mirada en estos momentos puesta en mí. En mis manos está la oportunidad de que las naves se hagan a la mar y la completa aniquilación de los frigios [...] Si muero, evitaré todas estas atrocidades y mi fama por haber liberado a Grecia será dichosa. Y además –¡fíjate bien!– tampoco tengo que tenerle demasiado apego a la vida, porque me pariste por el interés común de todos los helenos, y no solo para el tuyo. Si miles de guerreros armados con sus escudos y otros miles empujando los remos, en el momento en que la Hélade se ha visto agraviada, van a asumir el riesgo de enfrentarse a nuestros enemigos y de morir en pro de la Hélade [...] *Entrego mi cuerpo para el bien de la Hélade. Sacrificadme, saquead Troya*. Estos hechos habrán de ser los signos que mantengan mi recuerdo por largo tiempo, en calidad de hijos, boda y gloria mía. Lo natural es que los helenos impongan su poder sobre los bárbaros⁴⁰, y no los bárbaros, madre, sobre los helenos, pues unos son cosa servil y los otros son hombres libres⁴¹.

40 Arist. *Pol* (1252b).

41 Eurípidés, *Ifigénia em Áulis* (vv. 1374-1400). Em: *Eurípidés Obras Completas*, trad. J. A. López Férez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008. Texto grego:

«οἴα δ' εἰσηλθέν μ', ἄκουσον, μήτερ, ἔννοουμένην:
κατθανεῖν μὲν μοι δέδοκται: τοῦτο δ' αὐτὸ βούλομαι
εὐκλεῶς πράξαι, παρεῖσα γ' ἐκποδῶν τὸ δυσγενές.
δεῦρο δὴ σκέψαι μεθ' ἡμῶν, μήτερ, ὡς καλῶς λέγω:
εἰς ἔμ' Ἑλλάς ἡ μεγίστη πᾶσα νῦν ἀποβλέπει,
κάν ἐμοὶ πορθμός τε ναῶν καὶ Φρυγῶν κατασκαφαί
τάς τε μελλούσας γυναῖκας, ἦν τι δρῶσι βάρβαροι,
μηκέθ' ἀρπάζειν ἔαν τούσδ' ὀλβίας ἐξ Ἑλλάδος,
τὸν Ἑλένης τείσαντας ὄλεθρον, ἦν ἀνῆρπασεν Πάρις.
ταῦτα πάντα κατθανοῦσα ρύσομαι, καὶ μου κλέος,
Ἑλλάδ' ὡς ἡλευθέρωσα, μακάριον γενήσεται.
καὶ γὰρ οὐδέ τοί τι λίαν ἐμὲ φιλοψυχεῖν χρεῶν:
πᾶσι γάρ μ' Ἑλλῆσι κοινὸν ἔτεκες, οὐχὶ σοὶ μόνῃ.
ἀλλὰ μυρία μὲν ἄνδρες ἀσπίσιν πεφραγμένοι,
μυρία δ' ἐρέτμ' ἔχοντες, πατρίδος ἠδικημένης,
δρᾶν τι τολμήσουσιν ἐχθροῦς χυπερ Ἑλλάδος θανεῖν,
ἡ δ' ἐμῆ ψυχὴ μί' οὔσα πάντα κωλύσει τάδε;
τί τὸ δίκαιον τοῦτο γε; ἄρ' ἔχοιμ' ἂν ἀντειπεῖν ἔπος;
κάτ' ἐκεῖν' ἔλθωμεν: οὐ δεῖ τόνδε διὰ μάχης μολεῖν
πᾶσιν Ἀργείοις γυναικὸς εἶνεκ' οὐδὲ κατθανεῖν.

O exame racional que faz Ifigênia sobre o fechamento do círculo do seu destino (vv. 1374-1400), modal e hegelianamente poderia ser interpretado seguindo o olhar fenomenológico da *Razão Legisladora*.⁴² Nessa figuração (*Die Gestaltung*), Hegel analisa as determinações da autoconsciência racional, que no momento em que recebe imediatamente uma sentença de uma lei humana, a autoconsciência tem que (*muß*) examinar tanto a forma como o conteúdo da lei emitida, mas também de maneira imediata “Was sich so unmittelbar gibt, muß ebenso unmittelbar aufgenommen und betrachtet werden”. E logo depois, ela deve (*soll*) dizer a verdade que considera para si mesma como boa e justa dessa lei ética (*dieses sittliche Gesetz*),⁴³ seguindo sua *sã razão* (*die gesunde Vernunft*) que expressa em uma proposição ética. No caso de Ifigênia a *proposição ética* poderia ser a seguinte:

Como está decretado que eu morra, desejo faze-lo com nobreza, assumir o risco de morrer em prol da Hélade.

Proposição ética,⁴⁴ que se conformaria contingentemente mediante as ideias que chegaram imediatamente na mente de Ifigênia enquanto examinava e reflexionava sobre a sentença do sacrifício em Áulis (vv.1374-1375). Perante a mudança de estado existencial de Ifigênia, passando de estar viva para imediatamente estar sentenciada a morte, a razão legisladora ou *sã razão*

εἰς γ' ἀνὴρ κρείσσων γυναικῶν μυρίων ὄρᾶν φάος.
εἰ βεβούληται δὲ σῶμα τοῦμὸν Ἄρτεμις λαβεῖν,
ἐμποδῶν γενήσομαι γῶ θνητὸς οὐσα τῇ θεῶ; ἀλλ' ἀμήχανον: δίδωμι σῶμα τοῦμὸν Ἑλλάδι.
θῆετ', ἐκπορθεῖτε Τροίαν. ταῦτα γὰρ μνημεῖά μου
διὰ μακροῦ, καὶ παῖδες οὗτοι καὶ γάμοι καὶ δόξ' ἐμή.
βαρβάρων δ' Ἑλλήνας ἄρχειν εἰκός, ἀλλ' οὐ βαρβάρους, μητερ, Ἑλλήνων: τὸ μὲν γὰρ
δοῦλον, οἱ δ' ἐλευθέρου». (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>). Data de consulta 10-I-2022.

42 Hegel Werke, 2000, pp. 358-365 (paginação da primeira edição de 1807).

43 «Was sich so unmittelbar gibt, muß ebenso unmittelbar aufgenommen und betrachtet werden; wie von dem, was die sinnliche Gewißheit unmittelbar als seiend ausspricht, ist auch von dem Sein, welches diese sittliche unmittelbare Gewißheit ausspricht, oder von den unmittelbar seienden Massen des sittlichen Wesens zu sehen, wie sie beschaffen sind. Die Beispiele einiger solcher Gesetze werden dies zeigen, und indem wir sie in der Form von Aussprüchen der wissenden gesunden Vernunft nehmen, haben wir nicht erst das Moment herbeizubringen, welches an ihnen, sie als unmittelbare sittliche Gesetze betrachtet, geltend zu machen ist». Hegel Werke, 2000, p. 360 (paginação da primeira edição de 1807).

44 «Jeder soll die Wahrheit sprechen. [...] Diese Zufälligkeit des Inhalts hat die Allgemeinheit nur an der Form eines Satzes der sie ausgedrückt ist; aber als sittlicher Satz verspricht er einen allgemeinen und notwendigen Inhalt und widerspricht so durch die Zufälligkeit desselben sich selbst». Hegel Werke, 2000, pp. 360-362 (paginação da primeira edição de 1807).

(*die gesunde Vernunft*) da autoconsciência de Ifigênia, determina que frente a esta contingência de conteúdo (*Diese Zufälligkeit des Inhalts*) existencial de *vida* ou *morte*, resolve tomar a decisão imediata de experimentar uma morte nobre, assumindo o risco de morrer em prol da Hélade. A sã razão de Ifigênia, examina e julga neste estado contingente extremo como bom (*gut*) o sacrifício, desvanecendo sua condição inesencial subjetiva para poder assim unir-se objetivamente à unidade da substância da coisa pública (*Das Gemeinwesen*). O sacrifício, no entanto, só chegará a estar plenamente consumado pela lei divina (*das göttliche Gesetz*) com o casamento eterno⁴⁵ de Ifigênia com Hades no mundo do além ou da essência subterrânea abstrata:

El sacrificio de la substancia divina, en la medida en que es una *actividad*, pertenece al lado autoconsciente; para que esta actividad efectivamente real sea posible, la esencia tiene que haberse sacrificado ya ella misma *en sí*. [...] Esta renuncia, que la esencia, entonces, ya ha llevado a cabo *en sí*, presenta al sí-mismo agente dentro de la existencia (*Dasein*) y para su conciencia, y sustituye aquella *inmediata* realidad efectiva de la esencia por una más alta, a saber, la *de ella misma*. Pues la unidad que ha surgido, resultado de la singularidad cancelada y de la separación de ambas, no es el destino sólo negativo, sino que tiene un significado positivo. Sólo a la esencia subterrânea abstracta se le entrega totalmente lo que se le sacrifica, señalando con ello como diferentes a la reflexión de la posesión y del ser-para-sí en lo universal, por un lado, y al sí-mismo en cuanto tal, por otro.⁴⁶

O Sacrifício consumado de Ifigênia possibilita tornar a subjetividade em algo inesencial e contingente para sua existência. Contudo, o sacrifício em Áulis torna a subjetividade de Ifigênia como um ente necessário e essencial

45 Eurípides, *Ifigênia em Áulis* (vv. 540-541). Em: *Eurípides Obras Completas*, trad. J. A. López Férez e J. M. Labiano, Madrid, Cátedra, 2008.

46 G.W.F. Hegel, *Fenomenologia del Espíritu – B. La Religión del Arte. a. La obra de arte abstracta*, trad. A. Gómez Ramos, Madrid, Abada, 2010, p.819. Texto alemão: «Die Aufopferung der göttlichen Substanz gehört, insofern sie *Tun* ist, der selbstbewußten Seite an; daß dieses wirkliche Tun möglich sei, muß das Wesen sich selbst schon *an sich* aufgeopfert haben. Dies hat es darin getan, daß es sich *Dasein* gegeben und zum *einzelnen Tiere* und zur *Frucht* gemacht hat. Diese Verzichtleistung, die also das Wesen schon *an sich* vollbracht, stellt das handelnde Selbst im *Dasein* und für sein Bewußtsein dar und ersetzt jene *unmittelbare* Wirklichkeit des Wesens durch die höhere, nämlich *die seiner selbst*. Denn die entstandene Einheit, die das Resultat der aufgehobenen Einzelheit und Trennung beider Seiten ist, ist nicht das nur negative Schicksal, sondern hat positive Bedeutung. Nur dem abstrakten unterirdischen Wesen wird das ihm Aufgeopferte ganz hingegeben und damit die Reflexion des Besitzes und des Fürsichseins in das Allgemeine, von dem Selbst als solchem unterschieden, bezeichnet». *Phänomenologie des Geistes – a. Das abstrakte Kunstwerk*. In: Hegel Werke, 2000, p. 667 (paginação da primeira edição de 1807).

enquanto oferenda (*hóstia*) para a substância ética universal e também para a deusa Artemisa. Deusa que exigiu (segundo a velha tradição dos *Cantos Ciprianos*) o sacrifício de Ifigênia como um ato puro de *justiça* por ter matado Agamenon uma corsa sagrada.

2. Considerações finais

Ao longo do presente escrito, fiz a tentativa de trabalhar de forma erudita e criativa em três planos sequenciais com os textos de Eurípidés e Hegel, junto a uma proposta interpretativa de estudo “modal/fenomenológico” sobre o mito trágico de *Ifigênia em Áulis*. Reflexões sobre os processos de conhecimento da autoconsciência humana em situações catastróficas, inesperadas, e com desenlaces trágicos. Circunstâncias e tempos distintos, que exigem tanto de escritores como de leitores, tentar compreender desde diferentes perspectivas aqueles mundos assolados por pandemia, guerra, morte e sacrifício. É deste modo que o presente estudo de caso sobre a tragédia *Ifigênia em Áulis*, propôs uma chave de interpretação fenomenológica com diversas modalidades conceituais relacionais da linguagem, expressadas dialeticamente nas distintas falas das consciências heroicas de Agamenon, Clitemnestra e Ifigênia, e representadas em *ações* e omissões.

Hegel um grande mestre em decifrar as sutilezas das linguagens de oposição, contraposição, resolução e conciliação trágica das autoconsciências humanas, desenvolveu para isto, as diferentes figurações (*die Gestaltungen*) da *ciência da experiência da consciência* ou *Fenomenologia do espírito*, visando destravar os paradoxos linguísticos do conflito para deixá-los em evidência, e propôr modos de resoluções e conciliações, através das distintas experiências que tem de realizar as autoconsciências para ir tornando-se cada vez mais livres desses paradoxos, especialmente trágicos mediante o *determinar* (*bestimmen*) do ser em e para si autoconsciente.

Na *Fenomenologia do espírito*, Hegel desdobrou através da linguagem os distintos modos (*Weisen*) de conhecimento que experimenta a consciência através de um caminho existencial de dúvida (*des Zweifels*) e desespero (*der Verzweiflung*). Caminho do conhecimento que muda em estados de estranhamento e autoconhecimento, e que Hegel os anota e exprime segundo minha tese em chave conceitual modal “lógica - fenomenológica - estética”.

Bibliografía

ALVES VIEIRA, Leonardo e MOREIRA, Manuel [Orgs.], *Interpretações da Fenomenologia do Espírito de Hegel*, São Paulo, Edições Loyola, 2014.

ANN BATES, Jennifer, *Hegel's Theory of Imagination*, New York, State University of New York Press, 2004.

ARISTÓTELES, *Política*, Madrid, Editorial Alianza, traducción de Carlos García Gual y Aurélio Pérez Jiménez, 2010.

BARKER, Derek, *Tragedy and Citizenship: Conflict, Reconciliation, and Democracy from Haemon to Hegel*, New York, State University of New York Press, 2009.

BRADLEY, A. C., «HEGEL'S THEORY OF TRAGEDY», EN OXFORD LECTURES ON POETRY, LONDON, MACMILLAN, 1950, PP. 69-95.

DLIGIORGI Katerina (ed.), *Hegel new Directions*, Sussex, Acumen Publishing Limited, 2006.

EURÍPIDES, ESQUILO, SÓFOCLES, *Obras Completas*, Edición, introducción, notas y apéndices: Luz Conti, Rosario López Gregoris, Luis Macía, M^a Eugenia Rodríguez y Emilio Crespo, traducción de *Eurípides* por: Juan Antonio López Férez e Juan Miguel Labiano, Madrid, Cátedra, 2008.

---, Ἰφιγένεια,

<https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0107%3Acard%3D1185> . Fecha de consulta 10-I-2022

---, Ἀγαμέμνων,

<https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0003%3Acard%3D1521> . Fecha de consulta 2-XI-2020.

GAIGER, Jason, *Catching up with history: Hegel and abstract painting, Hegel new Directions*, United Kingdom, Acumen Publishing Limited, 2006, pp. 159-176.

GORCE et MORTIER (Dir.), *Histoire générale des religions: Grece et Rome*, Paris, Librairie Aristide Quillet, 1948.

GONÇALVES, Márcia C. F. «A Dialética entre Arte e Conceito na Fenomenologia do Espírito de Hegel», *Revista Eletrônica de Estudos*

Hegelianos - SHB Ano 2º - n.º 03 Dezembro de 2005 <<http://ojs.hegelbrasil.org/index.php/reh/article/view/206/170>>. Fecha de consulta 19-I-2020.

HEGEL, G.W.F, *Werke*, Seitenangabe der Textvorlage Hegel Werke in zwanzig Bänden, Berlin: Hegel-Institut, Talpa Verlag, CD-ROM, 2000.

---, *Phänomenologie des Geistes*. Seitenangabe der Textvorlage Hegel Werke in zwanzig Bänden, Berlin: Hegel-Institut, Talpa Verlag, CD-ROM, 2000a.

---, *Grundlinien der philosophie des rechts oder Naturrecht und Staatswissenschaft im Grundrisse*, Stuttgart, Sämtliche Werke, hg. Hermann Glockner (Jubiläumausgabe) Frommanns Berlag, 1952.

---, *Fenomenología del Espíritu*, Madrid, Abada editores, edición bilingüe de Antonio Gómez Ramos, 2010a.

---, *Líneas fundamentales de la Filosofía del Derecho*, Madrid, Editorial Gredos, traducción y notas de M.ªdel Carmen Paredes Martín, 2010b.

---, *Principios de la Filosofía del Derecho*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, traducción de Juan Luis Vermal, 2004b.

---, *Cursos de Estética - Volume IV*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, tradução de Marco Aurelio Werle, 2004a.

---, *Curso de Estética: O belo na arte*, São Paulo, Editora Martins Fontes, tradução de Orlando Vitorino, 1996b.

HONNEFELDER, Ludger, *João Duns Scotus*, São Paulo, Edições Loyola, tradução de Roberto Hofmeister Pich, 2010.

HOULGATE, Stephan, *Hegel's Theory of Tragedy, Hegel and the Arts*, ed. S. Houlgate, Evanston, England, Northwestern University Press, 2007.

JANICAUD, Dominique, *Hegel et le destin de la Grèce*, Paris, Editions J.Vrin, 1975.

JAMESON Fredric, *The Hegel variations on the Phenomenology of Spirit*, London – New York, Editorial Verso, 2010.

KNOX, Bernard, *Word and Action: Essays on the Ancient Theater*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1986.

MALABOU Catherine, *The future of Hegel – Plasticity, temporality and Dialectic*, London and New York, Routledge Press, translated by Lisabeth During, 2005.

MC DOWELL, John, *The apperceptive I and the empirical self: towards a heterodox reading of "Lordship and Bondage" in Hegel's Phenomenology, Hegel new Directions*, United Kingdom, Acumen Publishing Limited, 2006, pp. 33-48.

MOST, Glenn, *Da tragédia ao trágico*, In: *Filosofia e Literatura: o Trágico*, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2001, pp. 20-35.

PIPPIN, Robert, *What Was Abstract Art? (From the Point of View of Hegel)*, In: *Critical Inquiry* 29, United States, University of Chicago Press, 2002.

PÖGGELER, Otto, *Hegel l'idea di una Fenomenologia dello Spirito*, Napoli, Cura di Antonella De Cieri, Guida Editori, 1986.

RODRÍGUEZ ADRADOS, Francisco, *Del teatro griego al teatro de hoy*, Madrid, Alianza editorial, 1999.

ROSENFELD, H., Kathrin, *Antígona, Intriga e Enigma – Sófocles lido por Hölderlin*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2016.

---, *A ação ética. O saber humano e o divino, a culpa e o destino*, In: *Interpretações da Fenomenologia do Espírito de Hegel*, São Paulo, Edições Loyola, 2014, pp. 249-264.

SPEIGHT, Allen, *Hegel, Literature and The Problem of Agency*, United States, Cambridge University Press, 2009.

THIBODEAU, Martin, *Hegel e a Tragédia Grega*, São Paulo, Editora É Realizações, tradução de Agemir Bavaresco e Danilo Vaz-Curado, 2015.

TINAJEROS Arce, Gonzalo, «Oposição e Colisão Trágica da consciência de si: Hegel leitor fenomenológico da tragédia "Sete contra Tebas", de Ésquilo», *Revista Eletrônica Limiar – Unifesp*, Volume 4 - n.º 07, 2017 <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/limiar/article/view/9212/6742>>. Fecha de consulta 10-I-2022.

---, *Lógica y Política en Hegel – silogismos y Poderes*, España, Editorial académica española, 2017.

---, *La Antígona de Hegel: Oposición y colisión trágica de la autoconciencia ética*, *Revista Classica Boliviana* X, La Paz, 2020, pp. 99-118.

VERNANT, Jean Pierre et VIDAL-NAQUET Pierre, *Mythe et Tragédie en Grece ancienne*, Paris, Édition la découverte, 1986.

---, *Mito y tragedia en la Grecia Antigua – volume II*, Barcelona, Editora Paidós, traducción de Ana Iriarte, 2002.

WERLE, Marco Aurélio, *A questão do fim da arte em Hegel*, São Paulo, Editora Hedra, 2011.

WITTGENSTEIN Ludwig, *Tractatus logico-philosophicus*, Madrid, editora Tecnos, traducción de Luis M. Valdés Villanueva, 2013.